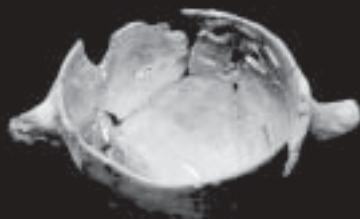


## CAPÍTULO 2

# A Pré-história Sergipana (I)

### 1. A CULTURA CANINDÉ



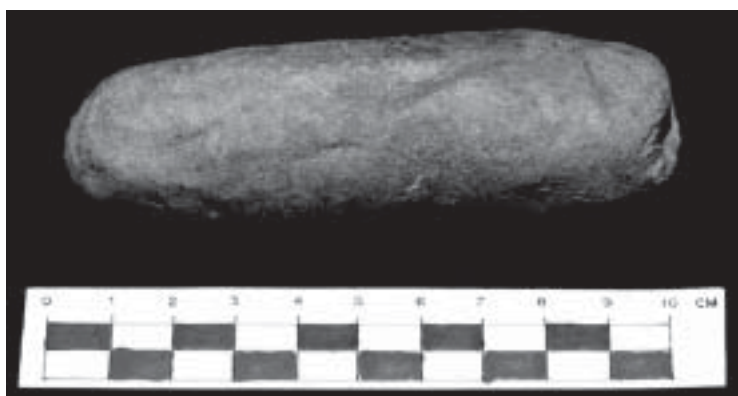


## A PRÉ-HISTÓRIA SERGIPANA

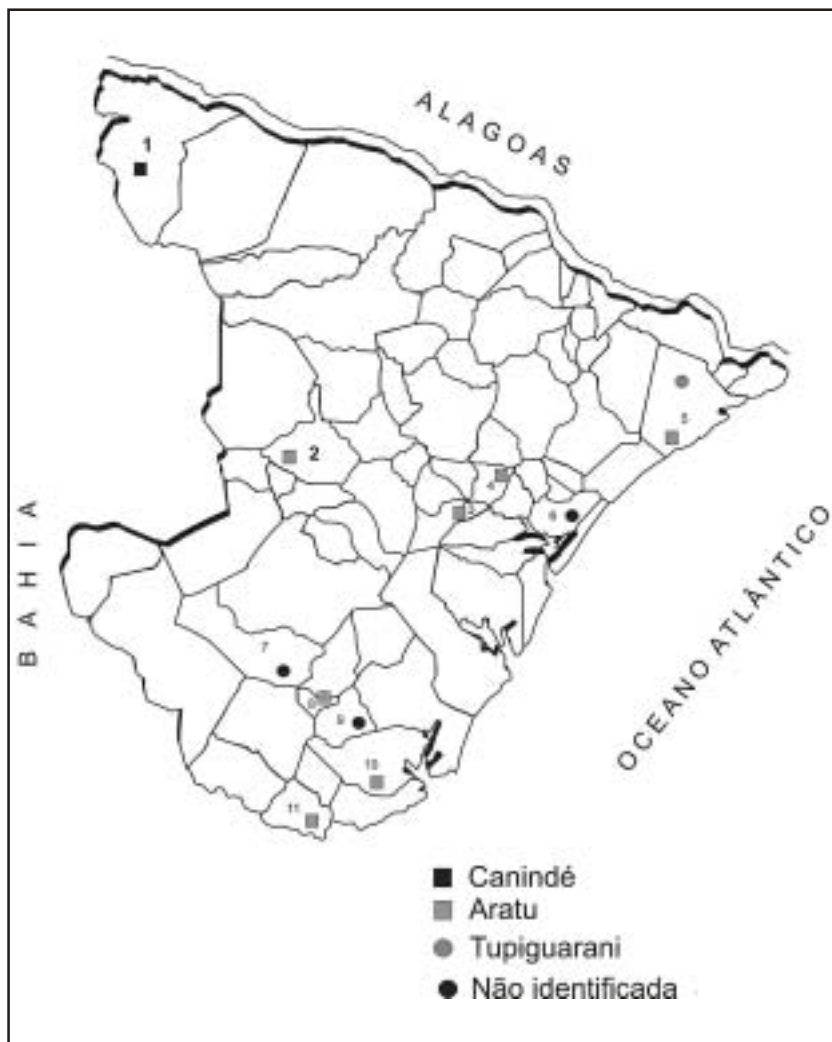
Dentre os agrupamentos pré-históricos sergipanos, as sondagens, escavações e raras citações bibliográficas permitem, como hipótese preliminar, a identificação de três culturas,

Uma primeira cultura, anterior à fixação da tradição Aratu, a que denominaremos, para distingui-la, como Canindé, com datações obtidas em carbono quatorze (C – 14) e escavações em níveis mais antigos, permitindo-nos situá-la a partir de nove mil anos do presente; a Tradição Aratu, com maior volume de estudos arqueológicos na região, presente na grande maioria dos sítios arqueológicos sergipanos entre os séculos VIII ao XVII, e a Tradição Tupi-guarani, a mais recente, a partir do século IX.

CULTURA CANINDÉ	9.000 AP – 1.280AP
CULTURA ARATU	800 a 1700
CULTURA TUPI-GUARANI	900 a 1900



Artefato cerâmico. Peso para rede.  
Sítio Justino. Canindé do São Francisco/SE.



## MUNICÍPIOS

1. Canindé de São Francisco
2. Frei Paulo
3. Riachuelo
4. Divina Pastora
5. Pacatuba

6. Santo Amaro das Brotas
7. Riachão do Dantas
8. Pedrinhas
9. Arauá
10. Santa Luzia do Itanhi
11. Cristinápolis

## A CULTURA CANINDÉ

A área pesquisada compreende sondagens e escavações em sítios arqueológicos sediados em terraços e afluentes do rio São Francisco, em canyon inundado com o represamento das águas do rio, em Xingó, Canindé. A história do homem na região nordestina teria começado há aproximadamente onze mil anos atrás (Martin, 1997). Sucessivas ocupações humanas deixaram seus vestígios em camadas superpostas de sedimentos, desde o início do holoceno.



Vista aérea do Canyon do rio São Francisco.  
Xingó, Canindé do São Francisco/SE.

O clima da região é do tipo mediterrâneo, com sete a oito meses secos, de agosto a março. A precipitação total é inferior a 500mm anuais. Desenvolveu-se uma vegetação de caatinga hiperxerófica arbustivo-arbórea, sobre solos arenosos e rasos, nas proximidades da calha do rio.

Os grupos de pescadores-caçadores-coletores (PCC) estão registrados em inúmeras fogueiras para assar os animais que capturavam para sua alimentação, em necrópoles e expressiva quantidade de artefatos líticos resgatados. Os registros rupestres, como linguagem preservada, testemunham a presença dos grupos humanos no nordeste brasileiro.

A caça disponível é caracterizada por espécies de animais de médio e pequeno porte que vivem dispersas na caatinga e requerem muito tempo para serem apanhadas. A maior parte vive em nichos específicos e aparece mais abundantemente em certas estações do ano. Os animais caçados pelos bandos xinguanos e que compunham a sua dieta alimentar são conhecidos pelos resíduos deixados em restos de banquetes ou, raramente, em pinturas nas paredes das rochas. São veados, capivaras, macacos, tatus, lagartos, tamanduás, tartarugas, peixes e um grande número de aves.

Na região não havia (pelo que até então as pesquisas apontam) grandes animais gregários, sobre os quais se poderia criar uma economia de caça especializada e coleta generalizada, que parece constituir a sua identidade. Ela o distingue dos caçadores especializados das grandes planícies americanas, empenhados na caça de poucas espécies animais.

Os PCC em região árida, inóspita para grandes rebanhos, caracterizam-se pelo aproveitamento de proteínas generalizadas e dispersas. Com a impossibilidade de trazer a si os recursos por falta de tecnologia e de interferir na sua reprodução, desenvolvimento e localização, obriga-se o homem a buscá-lo através de estratégias mais criativas e sofisticadas.

Os recursos necessários são alimentos, combustíveis, matérias-primas para a produção de utensílios, instrumentos e armas. Uma parte das matérias-primas decorre da própria alimentação, como peles, ossos, chifres, dentes ou carapaças. Para

a fabricação de instrumentos de uso cotidiano e armas, os minerais necessários estavam fartamente presentes na região de Xingó. Madeira e água, também abundantes.

Como os recursos, em parte, estão dispersos e a disponibilidade média é baixa, a sociedade da cultura Canindé precisava manter-se pequena e delimitar um território para provimento dos recursos. A delimitação do território implica em locais preferências de coleta, caça, abastecimento material e abrigo.

Os sítios ocupam os topos ou flancos dos terraços e alguns abrigos em riachos afluentes, onde foram localizados, em sua maioria, os sítios de registro rupestre.

A partir de estudos sedimentológicos realizados por Landim e Brichta (UFBa – 1995) pode-se deduzir que havia embriões dos terraços na condição de praias de estiagem quando as primeiras vagas de paleo-índio chegavam a Xingó. Os terraços remontariam, portanto, ao final do pleistoceno e os baixos teriam sido formados já no holoceno.

A ausência de outros projetos arqueológicos na região (Sergipe e Alagoas) não nos permite, ainda, uma correlação com outras culturas pré-históricas. Torna-se imprescindível uma pesquisa sistemática em área mais extensa do rio São Francisco para que se obtenha uma seqüência local holocênica. Provavelmente os contingentes populacionais da cultura Canindé chegaram à região vindos do planalto goiano ou do médio São Francisco, à procura de condições mais favoráveis à ocupação humana. No início do quaternário já não havia mata fechada na bacia do grande rio.

Os grupos de caçadores-coletores que se instalaram no baixo São Francisco, no pleistoceno, exploraram as potencialidades do ecossistema da região. A proximidade da água, com a presença da piracema nas corredeiras, com a fácil proteína animal obtida do peixe, a fauna disponível e constatada a partir de

vestígios arqueológicos em fogueiras, a possibilidade de contatos interétnicos pelo rio tornaria os terraços do São Francisco, aparentemente, local ideal para a instalação de grupos de tecnologia simples e economia extrativista.

No entanto, as constantes cheias do rio, atingindo até 25 metros acima do nível normal, tornavam-se fatais à manutenção de grupos humanos na maioria dos terraços. O fenômeno das cheias, por sua rapidez e capacidade destruidora promovia, no mínimo, o abandono temporário das ocupações. Calderón (1967) cita que, ao longo do São Francisco, embora a presença de sítios cemitérios seja constatada com certa regularidade, são poucos os sítios de habitação. Provavelmente a ocupação tenha ocorrido no platô, com descidas para os terraços como espaços de abastecimento sazonal e área reservada para os enterramentos.

Os migrantes que chegaram ao rio eram caçadores e coletores de proteínas vegetais como sementes, raízes e frutos silvestres. Provavelmente deslocavam-se em pequenos grupos à procura de caça fácil e local aprazível para viver.

Os bandos eram constituídos de menos de uma centena de pessoas, em território comum.

“Os bandos são as sociedades mais simples que se conhecem, frouxamente integrados por limitadas concepções de parentesco, ampliado por alianças matrimoniais. Service formula a hipótese de que, antes do contato com a civilização ocidental, todos os bandos eram virilocais e a tendência de cada bando era para se consistir de homens aparentados, suas mulheres estrangeiras (isto é, proveni-

entes de outros bandos) e seus filhos solteiros. Caracteristicamente, os bandos são caçadores e coletores, mudando periodicamente de residência, à medida que os recursos de alimentos vegetais são exauridos ou em relação às mudanças sazonais na localização da caça. Os bandos não têm líderes formais e as diferenças de posição econômica ou política entre os indivíduos são quase inexistentes. Portanto, os bandos são primordialmente integrados por obrigações e vínculos de parentesco. Os recursos de subsistência são, normalmente, propriedade comum e quase não existe especialização ocupacional e comunitária, embora esteja usualmente presente algum comércio entre os bandos, como resultado da distribuição desigual de recursos. (...) A única diferenciação social, dentro do bando, é a determinação pela idade e pelo sexo”. (Sanders, 1971)

Os coletores de alimentos, ou seja, caçadores, pescadores e recoletores de tubérculos e frutos silvestres, tinham de viver em pequenos grupos ou bandos, pois precisavam estar prontos para deslocar-se quando e para onde se deslocasse o suprimento de comida. A zona ocupada por um correspondia, geralmente, a uma área circular cujo raio compreende a distância que uma pessoa pode percorrer durante o dia e retornar ao acampamento à noite. Inexistia aldeia permanente e, durante alguns milênios, nenhum utensílio de cerâmica. Estudos da Antropologia e Etnohistória caracterizam os bandos como pequenas sociedades, geralmente constituídas por uma população inferior a cem pessoas, possuindo um território comum que se caracteriza pela exogamia local. Esses bandos constituem a sociedade mais simples que se conhece, integrada por uma ancestralidade comum e ampliada com alianças matrimoniais, pela troca de mulheres com outros bandos. Socialmente os bandos se

estruturam em famílias nucleares extensas, tendo como decorrência a atividade coletora. Mudam periodicamente de residência, à medida que os recursos de alimentação vegetal são exauridos ou mudanças sazonais da caça forcem o deslocamento do grupo. A presença do rio São Francisco, com alimentação peregrina, talvez tenha ampliado o tempo de fixação dos bandos no platô ou terraços do rio. Reforça-se a tese da importância do platô para a ocupação dos bandos e dos terraços sendo utilizados como acampamentos sazonais. O aparecimento da cerâmica, pela fragilidade das peças ao serem transportadas, constitui-se um indicador da vida sedentária, correlação cultural de mudanças na complexidade social dos grupos pré-históricos.

Os bandos estão intimamente associados com a caça e a coleta (PCC), as tribos com a agricultura. Utilizando-se da teoria da terra inclemente (Sanders, 1971), os grupos de caçadores e coletores que residiam na região de Xingó, num meio ambiente relativamente pobre (árido), foram impelidos, primeiro, a contar substancialmente com as plantas selvagens como alimento; finalmente, a experimentar métodos para incrementarem artificialmente a produção.

No passo seguinte, no sentido de uma economia plenamente agrícola, envolviam primordialmente um processo botânico, isto é, seleção de sementes para obter plantas mais produtivas.

Os terraços aluviais da região de Xingó são predominantemente arenosos, com intercalações de camadas compactadas de lamas. Situam-se de 12 a 15 metros do nível médio do rio. Caracterizam-se como “pé de serra”, na barra de um afluente com a margem do São Francisco, ou em alinhamento ao longo do sopé dos paredões rochosos do rio.

Além dos aldeamentos, há os acampamentos sazonais, notadamente para a caça e pesca.

## O MATERIAL CERÂMICO NA CULTURA CANINDÉ

Meggers (1979) enfatiza que a difusão da cerâmica só ocorreu quando a domesticação de plantas progrediu suficientemente para permitir um modo de vida sedentário. Pouco adequada a um modo de vida nômade, a manufatura da cerâmica é associada à subsistência agrícola. Esta hipótese, a partir da evidência de artefatos cerâmicos em PCC tem sido questionada.

Fragmentos (cacos) de peças de cerâmica, quando sistematizados, permitem classificações tipológicas, contribuindo para a caracterização das culturas pré-históricas.

A coleta superficial em cortes estratigráficos, efetuada em sítios lito-cerâmicos localizados em terraços do rio São Francisco, nos municípios de Canindé (SE), Piranhas e Olho D'Água do Casado (AL), a escavação sistemática de alguns sítios e os artefatos e cacos associados a ritos funerários permitem uma classificação preliminar do material cerâmico coletado.

As coleções cerâmicas dos sítios evidenciam artefatos resultantes de uma técnica não relacionada com outras já estudadas na região. As cronologias obtidas nos remetem a ocupações entre 4.340 a 1280 ± 45 anos A. P.

Estudos já efetuados a partir de fragmentos e artefatos de cerâmica em Xingó evidenciam não só características técnicas e morfológicas distintas, bem como, em se considerando a cronologia a partir de datações efetuadas, que se trata de uma produção fora da influência da tecnologia cerâmica das tradições Aratu ou Tupi-guarani.

Grupos humanos instalados na região a partir do quinto milênio A.C. apresentam, a partir dos vestígios lito-cerâmicos, uma continuidade técnica no fabrico de seus artefatos.



Artefatos cerâmicos da cultura Canindé - Cachimbos.

No tocante à cerâmica, impressiona o desenvolvimento já atingido na confecção de peças datadas do segundo milênio A.C. Não há registros de estágios cerâmicos menos desenvolvidos. Deduz-se até que escavações possam nos conduzir a outra conclusão, pela introdução da cerâmica por processos de contato e difusão.

Os vestígios cerâmicos analisados até o momento, em sua maioria fragmentos, apresentam-se com o tratamento de superfície alisada e, à medida que nos aproximamos dos níveis mais baixos de escavação, especialmente no Sítio do Justino, a cerâmica apresenta-se bem mais elaborada com relação à decoração plástica, predominando a roletada, incisa. Aparece também a escovada, excisa, ponteadada e corrugada. A decoração pintada ocorre em pouquíssimos fragmentos e, quando aparece, evidencia pintura nas cores vermelha e branca.

O fabrico paralelo de artefatos líticos e cerâmicos foi mantido na região da cultura Canindé por pelo menos de 2 a 3 mil anos.

O aditivo encontrado nessas cerâmicas compõe-se de areia, areia e mica, além de pequena quantidade de fragmentos com cacos de cerâmica triturados, bolos de argila e fragmentos sem aditivo. A cerâmica com antiplástico de cacos triturados e bolos de argila parece estar relacionada com a tradição Tupi-guarani. Vale ressaltar que sua presença se dá apenas no Sítio Justino, e nos níveis 1, 3 e 5, ou seja, nos últimos períodos de ocupação do Sítio, parecendo ser intrusiva. Evidencia-se, provavelmente, o contato interétnico entre as culturas Canindé e Tupi-guarani.

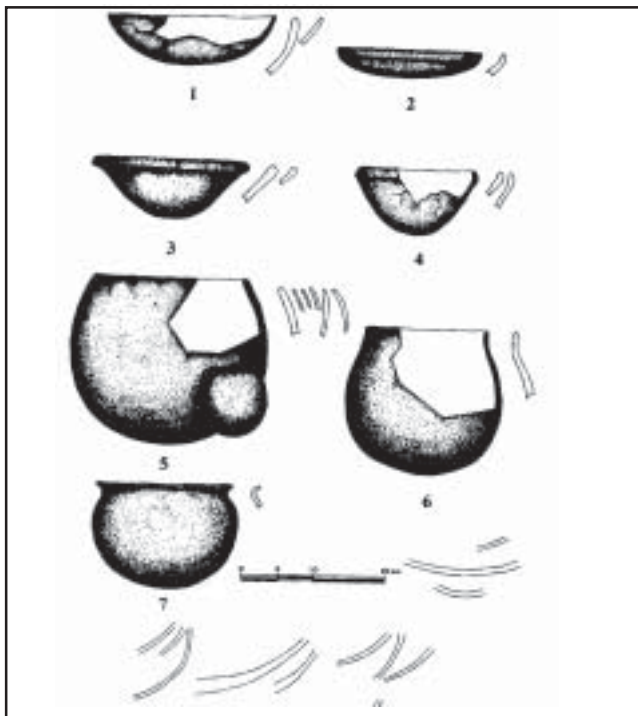
O método de manufatura, em sua maior parte, é o acordelado. A cerâmica apresenta, de modo geral, boa queima, ocorrendo, no entanto, exemplares de fragmentos bastante frágeis. A hipótese mais plausível para tais fragmentos frágeis é a de que, naqueles sítios situados às margens do rio São Francisco e sujeitos a inundações periódicas, ocorreu o processo de degradação da cerâmica.

Destaca-se, também, que as características técnicas e morfológicas, em extratos distintos, apresentam uma expressiva homogeneidade caracterizadora de uma cultura que ali permaneceu por alguns milênios.

## **AS FORMAS BÁSICAS DOS RECIPIENTES**

1. Em forma de meia-esfera, com base convexa, borda direita, espessura de parede regular, lábios arredondados.
2. Com bojo formando carena, com base convexa, borda cambada, meio inclinada para fora com parede regular e lábio arredondado.

3. Com bojo e base levemente cônicos, borda expandida com espessura de parede aumentada gradativamente, em direção ao lábio, tendo a mesma forma arredondada.
4. Com bojo e base levemente cônicos, borda expandida, com aumento gradativo de espessura da parede no lábio apontado e arredondado.
5. Em forma hemisférica, com base convexa, borda direita inclinada para dentro, parede regular, lábios planos e apontados.
6. Em forma, hemisférica com base convexa, borda extrovertida, curta e lábio arredondado.
7. Em forma globular, com base convexa, borda extrovertida e lábio arredondado.



Cultura Canindé. Tipologia dos Artefatos Cerâmicos

As bases dos vasilhames são predominantemente convexas, com parede regular. Alguns recipientes, em menor número, apresentam uma base cônica, com parede regular.

Geralmente as panelas de cozinha são de forma globular, fundo convexo, ligeiramente achatado, com bojos variando nas formas. São usadas para o preparo de carnes, aves, mingaus, pirões, etc. As tigelas são utilizadas para servir os alimentos e também para torrar a farinha e confeccionar os beijos.

Jarros ou panelas maiores (potes) eram utilizados provavelmente para o armazenamento de água ou aguardente, como o de milho.

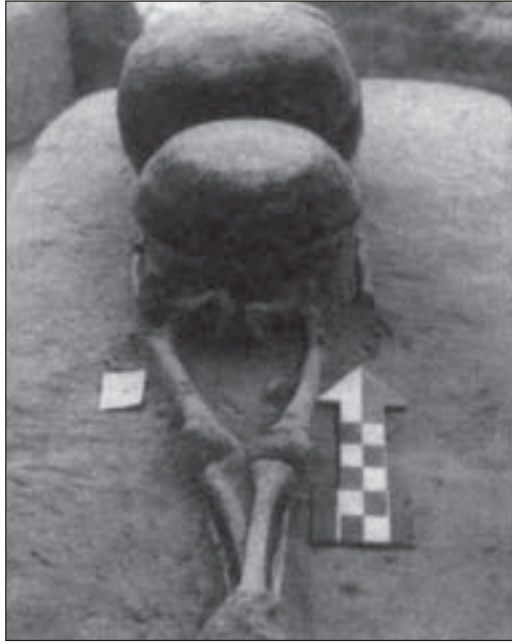
Os vasos utilizados em ritos como o enterramento, compondo o mobiliário funerário ou outros cerimoniais, apresentam, geralmente, menor espessura e dimensão.

Alguns sítios arqueológicos apresentam fragmentos de cerâmica associados a artefatos neobrasileiros, como louça, metal e vidro. Em um deles (Riacho Seco), o local dos vestígios era circundado por pedras alinhadas formando um muro, talvez uma proteção contra possíveis enxurradas ou enchentes, face as características topográficas do terreno.

O estudo dos fragmentos cerâmicos associados ao neo-brasileiro evidenciou uma pluralidade de decorações plásticas (escovado, entalhado, penteado, corrugado, digitado, inciso e outros).

Tratando-se de fragmentos obtidos em superfície ou níveis recentes, em datação relativa, deduz-se que tais fragmentos resultam da constante migração de grupos étnicos distintos pelo rio São Francisco e que ocuparam, ocasionalmente, os terraços.

Dentre os fragmentos, embora em menor número, evidenciam-se alguns pintados em engobo branco, utilizando-se a cor vermelha em traços lineares. A cerâmica pintada registra, provavelmente, a presença Tupi-guarani. Pela incidência, possíveis deslocamentos migratórios vindos do litoral, onde já foi detectado um Sítio tupi-guarani (Machado, em Pacatuba).



Vaso Cerâmico associado ao rito funerário no Sítio Justino.  
Canindé do São Francisco/SE.

Freqüente em quase todas as coleções, a presença de fragmentos de louça, possuindo algumas marcas de fabricação inglesa. E em menor quantidade aparecem vidros e telhas decorrentes da presença de ocupações pós-cabralinas que passaram a ocupar a região a partir do século XVII.

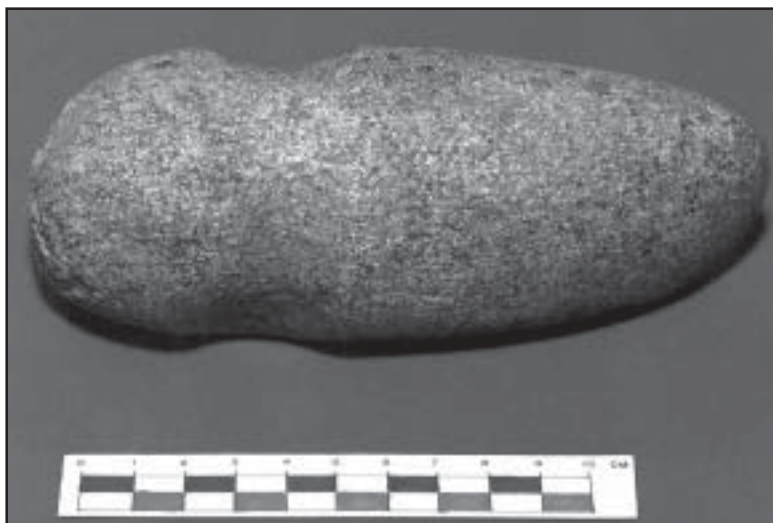
Com base em fragmentos de bordas, bojos e bases, foram reconstituídas treze formas de vasilhames: em meia esfera, hemisféricos, meia calota, globular e cônica.

Nas coleções de fragmentos cerâmicos já foram evidenciados alguns tipos de bases, predominando a base convexa com parede regular ou com espaçamento gradativo da parede das bases em relação ao corpo, bem como bases planas com paredes regulares e afinamento gradativo da parede da base.

## 1.2 ARTEFATOS LÍTICOS DA CULTURA CANINDÉ

Os artefatos de pedra, pela sua durabilidade, constituem a maior incidência de registro sobre a pré-história humana, re-  
cuando sua presença a centenas de milhares de anos. Para a  
confecção de seus instrumentos, o homem usa os seguintes pro-  
cessos: lascamento, picoteamento, polimento e técnicas deriva-  
das. A matéria-prima, técnicas de preparo, acabamento e tipos  
de artefatos são indicadores de específico modo de vida que  
transcorreu em um determinado ambiente. O desenvolvimento  
de tecnologias para o processamento da pedra na confecção dos  
utensílios tem sido utilizado para caracterizar eras na seqüên-  
cia evolutiva da humanidade.

A partir de estudos efetuados pelo arqueólogo espanhol  
Valentin Calderón (UFBa), ao final dos anos sessenta, foi siste-  
matizada uma tradição lítica no rio São Francisco: a Itaparica, a



Lâmina polida de machado. Sítio Justino.  
Canindé do São Francisco/SE.

partir de escavações em áreas ocupadas por caçadores-coletores (abrigos e grutas). A mais antiga das fases (Paranaíba), entre 11 a 7 mil anos AP, apresenta um material lítico mais reduzido e técnica de retoque mais cuidada. A segunda fase (Serranópolis), é posterior a 7 mil anos AP.

Os artefatos líticos da tradição Itaparica são raspadores unifaciais plano-convexos (lesmas), de sílex, calcedônia e arenitos silicificados. Em menor incidência, raspadores circulares, semi-circulares, em forma de leque e furadores. Na fase mais recente há tentativas de elaboração de pontas com pedúnculo, unifaciais.

A cultura Canindé, a partir de estudos em alguns sítios arqueológicos em Xingó, notadamente o Justino, apresenta o uso das técnicas do lascamento e polimento de artefatos líticos que coexistiram em alguns extratos de ocupação, como prova de que técnicas antigas não são abandonadas com o surgimento da tecnologia do polimento, como em geral se supõe.

O homem pré-histórico da cultura Canindé, pelos vestígios líticos resgatados, não pode ser caracterizado como produtor hábil de objetos de pedra. Ressalte-se que a inteligência inventiva da técnica pré-histórica considerará, expressivamente, a bagagem material que tem à sua disposição, atingindo níveis que não correspondem a etapas culturais já alcançadas pelo restante do contexto social.

Portanto, em uma mesma sociedade podemos encontrar, simultaneamente, domínios plenos de expressões junto com outros menos evoluídos.

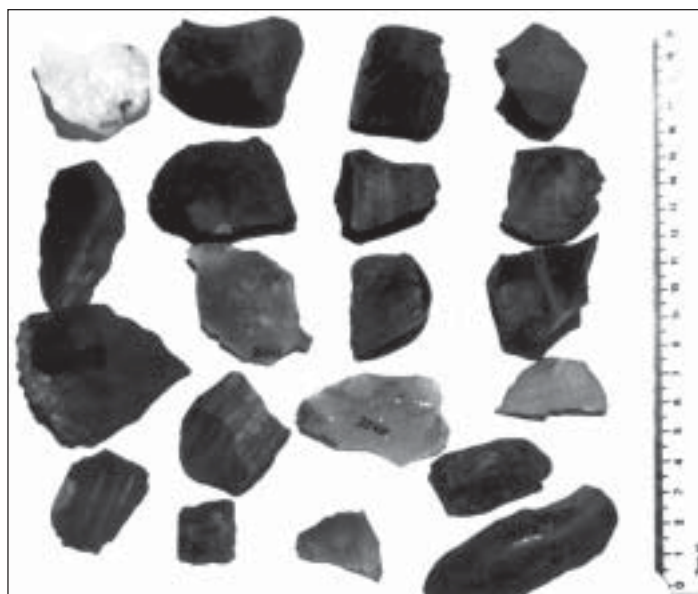
A presença abundante de jazidas minerais talvez explique o pouco desenvolvimento tecnológico na confecção de artefatos "...em face da prolongada semi-aridez que atravessou o pleistoceno e chegou ao holoceno, pode-se entender porque grupos pré-históricos, habitantes de terraços, tinham à sua dispo-

sição fragmentos de rochas, de todos os tipos, tamanho e resistência. Fragmentos de paredes rochosas, seixos angulosos trabalhados pelo rio, desde Paulo Afonso até muito além de Xingó, rio abaixo” (Ab’Saber, 1997). Primeiramente selecionava a pedra a ser trabalhada. O quartzo, abundante, foi utilizado para os lascamentos e retoques. Já as lâminas de machado polidas eram confeccionadas do basalto ou granito. Nota-se uma predominância de fragmentos, em qualquer que seja a matéria-prima. As matérias-primas mais utilizadas para a produção dos artefatos são o quartzo, o quartzito e o sílex. Sob o aspecto tipológico predominam os fragmentos (48%), lascas (35,4%) e núcleos (15,8%). Deve-se acrescentar que a maioria dos fragmentos apresenta gumes perfeitamente aptos ao corte, o que indica que a falta de regularidade morfológica e tecnológica desse tipo não significa que ele não pudesse ter sido obtido voluntariamente, ainda que o artesão não dispusesse de tecnologia para controlar sua forma. Ainda presentemente, pescadores da região utilizam lascas de quartzo e outras matérias-primas para cortar e descamar os peixes. As lascas foram obtidas, predominantemente, por percussão sobre bigorna. Usando um seixo, denominado percutor, o bloco inicial era preparado (núcleo); os fragmentos liberados do núcleo, as lascas. Alguns líticos foram encontrados próximos às datações entre 8.950 e 5.570 AP, no Sítio Justino. Após esse período os artefatos tornam-se mais raros, voltando a crescer quantitativamente em níveis estratigráficos mais recentes.

Com relação a outras indústrias líticas da região Nordeste, constata-se a singularidade da cultura Canindé, não guardando qualquer semelhança com a tradição Itaparica (Martin, 1997; Hurt, 1988) nem tampouco com as indústrias holocênicas do sudeste do Piauí. A tradição Itaparica, a partir de escavações na gruta do padre, em Pernambuco, foi proposta pelo arqueólogo Valentin Calderón.

Como hipótese, teriam sido os caçadores-coletores da tradição Itaparica os formadores do grupo lingüístico Jê.

Estudos mais recentes (Jacionira, 1999) revelam a presença de artefatos e técnicas da tradição Itaparica, em Xingó: pré-formas de lesmas, raspadores carenados, raspadores em ferradura e raspadores circulares. Entalhes obtidos com retoques foram identificados em alguns artefatos líticos, como exemplo do domínio da técnica de lascamento, e a tentativa de fazer ponta com aletas e pêndunculos em sílex de má qualidade, o que naturalmente não possibilitou um bom acabamento à peça. Raspadores semicirculares em seixos esmagados, típicos de Itaparica, são encontrados desde os níveis e ocupações mais antigos. Como se observa na tradição Itaparica, em Xingó as pontas de projéteis são muito raras.



Líticos lascados da cultura Canindé. Sítio Justino.  
Canindé do São Francisco/SE.

## OS ARTEFATOS

**01. Fragmentos.** Independentemente da matéria-prima, compreende a maior incidência entre os vestígios. A incidência dos fragmentos talvez compreenda o resultado da falta de controle do artesão sobre a atividade do lascamento. Jacionira Coelho Silva, estudando parte de artefatos líticos da cultura Canindé, registra, ao contrário, peças com fino retoque em quartzo e outras matérias-primas.

A maioria dos fragmentos apresenta gumes aptos ao corte. Portanto, a falta de regularidade morfológica e tecnológica não significa que os fragmentos não pudessem ter sido obtidos voluntariamente.

**02. Lascas.** Obtidas por percussão sobre bigorna e unipolar. Algumas lascas apresentam vestígios de múltiplo uso como os de cortar, raspar e perfurar. As lascas retocadas são, proporcionalmente, poucas.

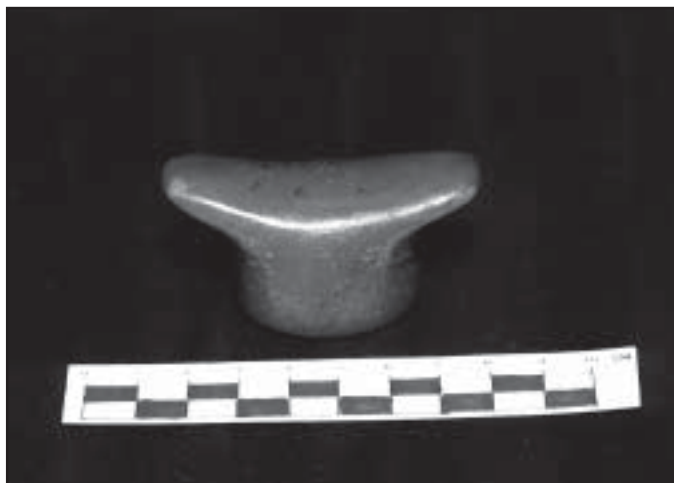
**03. Os Raspadores.** Utilizados para descarnar animais e descascar vegetais. Os raspadores podiam ser amarrados em cabos de madeira. A sua confecção é feita em lascas espessas ou finas. Destacam-se, na coleção obtida, raspadores laterais (o retoque feito em uma borda), raspadores de extremidade ou terminais (com o retoque numa extremidade) e raspadores com escotaduras (com gumes côncavos, utilizados para calibrar objetos cilíndricos como varas para fazer flechas). São chamados também de raspadores côncavos.

**04. Os Núcleos.** Registra-se, em menor número, a sua ocorrência. As cicatrizes de lascamento indicam uma escolha aleatória dos planos de percussão, indicativos da ausência de uma pré-determinação no lascamento.

A qualidade do material lítico difere expressivamente da matéria-prima encontrada à montante de Paulo Afonso, em cuja

região foi identificada a tradição Itaparica, destacada pelo excelente acabamento dos instrumentos líticos ali produzidos. Talvez pela qualidade da matéria-prima, os artesãos de artefatos líticos da cultura Canindé não apresentem o mesmo domínio tecnológico, quando em confronto com a tradição Itaparica. O meio físico pode ter determinado o desaparecimento de uma tradição de lascamento.

**05. Artefatos líticos polidos.** Confeccionados em granito, arenito, amazonita e sílex, alguns artefatos polidos, associados aos mesmos níveis de líticos lascados foram resgatados na região de Xingó, tais como, tembetá, almofariz, lâmina de machado, mó, mão de pilão, quebra-coquinho e uma bola confeccionada em granito, do nível 44, no Sítio Justino I com datação de 8500 AP.



Tembetá de amazonita. Sítio Justino.  
Canindé do São Francisco/SE

Considerando-se as datações em Carbono 14, obtidas no Sítio Justino I, e concentrações de artefatos líticos, algumas hipóteses podem ser levantadas. A primeira concentração significativa de artefatos entre os níveis 42 e 35, próximos das

datações entre 8950 AP (nível 40) e 5570 AP (nível 30), é correspondente, cronologicamente, ao auge da expansão territorial de grupos étnicos da tradição Itaparica (Martin, 1997). A partir dos níveis citados, os artefatos rareiam, só atingindo patamares similares a partir do nível 14, abaixo da datação de 3280 anos AP.

### 1.3 OS REGISTROS RUPESTRES

#### O esforço interpretativo dos registros rupestres

A presença do homem é sempre ligada a ferramentas e também à produção artística. Homo faber, homo artifex.

Na evolução da humanidade, os homínidas deixaram vestígios que permitem inferir uma existência consciente-sensível-cultural, como assevera Fayga (1938). Na integração do consciente, do sensível e do cultural, se baseiam os comportamen-



Abstrações rupestres. Sítio Riacho do Talhado III.  
Olho d' Água do Casado / AL

tos criativos do homem. A criação é um ato intencional e consciente.

A objetivação do espírito humano cria a cultura, resultante de expressivas e diferenciadas formas de linguagem, permitindo compreensão mais aproximada de vários aspectos da organização das sociedades humanas em seus distintos momentos. No albor da evolução do sapiens, o homem pré-histórico, dentre outras formas de linguagem, utilizou-se com eficaz competência do relevo, da cor, do plano e do movimento na elaboração de registros rupestres. A rocha natural foi usada com grande habilidade. Sob o ponto da antropologia visual trata-se de um meio de comunicação, uma pré-escrita.

Embora seja um dos objetivos da antropologia o alargamento do discurso humano, há ainda, no tocante aos grafismos pré-históricos, um incômodo silêncio. Devemos considerá-la, portanto, como uma fonte de informação antropológica. Sua interpretação, após milhares de anos, é efetuada a partir de classificações tipológicas, hipóteses e correlações etno-históricas, na tentativa de resgatar idéias e valores das sociedades extintas. A geometrização das formas, abstrações e reproduções antropomorfas e/ou zoomorfas, o estilo, o cromatismo, a caracterização de conjuntos vivenciais, entre outros, são fatores determinantes considerados na taxonomia dos registros rupestres. À proporção que há tentativas para sua interpretação, surgem novas ou são reforçadas velhas teorias sobre mensagens e intenções do “artista” primitivo. A tendência a explicar todas as características da arte rupestre a partir de influências externas é não entender a subjetividade do ato criativo do ser humano. O pensamento não cresce a partir de uma reflexão incorpórea, mas está sempre ligado à situação de vida do pensador.

“Quando nos confrontamos com a arte pré-histórica, precisamos sempre nos lembrar de que a enxergamos com os olhos treinados nas percepções do século XX. O que você e eu vemos ali não é o que os artistas e seus companheiros viam, pois a arte perde muito de seu significado fora do contexto social” (Leahey, 1981). A procura do oculto, como cita Martin (1997), tem possibilitado interpretações ilógicas.

Embora válida, essa preocupação relativizadora não deve ser considerada como absoluta. A convergência mental dos sapiens nos permite alguma aproximação interpretativa. Não consideramos de todo desaconselhável tal ousadia. As motivações individuais do imaginário subordinam-se às experiências perceptivas ou lógicas. O social se impõe ao pessoal.

A função simbólica é constituinte do homem, dela emergindo a cultura, o social integrado em sistema. Pela função simbólica, dá-se significado ao mundo, dá significação e vive-se significando, tornando possível a comunicação. “Os homens comunicam por meio de símbolos e de signos; para a antropologia, que é uma conversação do homem com o homem, tudo é símbolo e signo que se coloca como intermediários entre dois sujeitos”. (Lévi-Strauss, 1989).

O estudo dos registros rupestres na pré-história impõe, além de uma análise quantitativa (ordem de elementos cronológicos, seqüência da evolução técnica, temática, estilo, etc.), associações, influências interculturais, áreas de difusão e a ousadia interpretativa como hipótese para se chegar ao outro que somos nós. Documentos etnográficos e estudos etnológicos são imprescindíveis como lastro para o entendimento dos registros rupestres. No Brasil, a partir de informações indígenas, onde tradições locais foram conservadas em sua correlação com registros gráficos, é bem mais provável que o processo apresen-

te resultados cientificamente confiáveis. Infelizmente não é o caso da região arqueológica de Xingó, onde inexitem grupos étnicos proto-ibéricos.

No entanto, o esforço de interpretação etnográfica deve ser complementado, ao nosso ver, pelo entendimento dos painéis em si, a correlação possível entre as figuras, uma tentativa de entendê-los logicamente, e não apenas uma correlação tipológica com outros painéis locais ou regionais. “Procurando evitar o perigo do comparatismo, Leroi-Gourhan e A. Lamine-Emperaire abriram uma nova direção de pesquisa, aliás influenciada pelo estruturalismo. Em vez de querer explicar as obras pré-históricas a partir de dados exógenos, procuraram entendê-las por dentro” (Prous, 1992).

Apreciado sob a ótica estruturalista, deve ser considerado o conjunto das figuras registradas, na prioridade do todo sobre as partes.

O sentido só se releva nas relações dinâmicas que unem as partes entre si, em função do todo. Trata-se de uma dialética relacional, onde a noção do tempo é abolida.

Torna-se necessária uma intervenção semiótica na tentativa de entender não apenas a relação dos signos entre si e com os que eles designam, mas também a relação dos signos com os seus usuários.

Consideraremos algumas premissas como lastros do modelo de análise:

1. Os registros não estão subordinados a regras de continuidade
2. As verdadeiras unidades constitutivas não são as relações ou entendimentos isolados, mas o feixe de relações e, somente sob a forma de combinações de tais feixes, as unidades constitutivas adquirem função significante.

3. É possível subdividir os painéis em conjuntos, decodificá-los para depois formular proposta lógica comum entre os conjuntos constituidores do painel.

É necessário tentar entender os painéis como instrumentos às vezes destinados a operar uma mediação entre as antinomias. No entanto, é preciso reconhecer que muitas pinturas conservam seus segredos por estarem imersas no mistério dos mitos. Gourhan (1945) diz que a história das representações simbólicas é demasiado fragmentária para que possamos nos servir dela sem alguma temeridade.

As unidades constitutivas para análise não são as figuras ou grafismos isolados, mas os feixes de relações e, somente sob a forma de combinações de tais feixes, as unidades constitutivas adquirem uma função significativa.

Outro desafio que a arqueologia enfrenta quanto ao estudo de gravuras pré-históricas é o da datação.

Nas culturas paleolíticas há uma “arte móvel”, constituída por esculturas, adornos pessoais, ferramentas, etc., e uma “arte fixa”, a rupestre. Sem dúvida, o impulso artístico deve ser considerado como um suporte de sentimentos de exaltação social em sentido amplo. A primeira forma de expressão é de mais fácil datação, pois os objetos são encontrados nos estratos. Os registros rupestres são de datação menos segura, pois as pinturas e incisões nas paredes das grutas ou painéis nos afloramentos rochosos raramente estão cobertos por estratos pré-históricos e, nesse caso, é difícil atribuí-los a um em detrimento de outro.

Há, portanto, uma lacuna que esperamos possa ser transposta com o avanço do projeto e técnicas disponíveis para a ciência arqueológica.

A mais expressiva linguagem humana preservada da pré-história compreende uma multiplicidade de traços, abstrações, figuras geométricas, zoomorfas e antropomorfas, pintadas ou

gravadas. Apresentadas em grupos ou individualizadas, as imagens perpetuadas são uma presença do preexistente, em seus ritos, atividades, lazer, etc. Como foram pintadas ou gravadas na pedra, recebem a denominação de registro rupestre (rupes, rocha). Tais registros devem ser entendidos como signos convencionais, retirados da natureza, mas que integram a cultura, um mundo familiar onde o homem evolui. O gênero homo, em suas diversas espécies, inaugurou e desenvolveu a reflexão, ou seja, a capacidade para traduzir em símbolos a realidade material do mundo que o envolvia.

Os registros rupestres da cultura Canindé situam-se em abrigos sob rocha, formados por paredões que apresentam uma parte alta saliente projetada para fora, caracterizando uma espécie de telhado natural, capaz de oferecer abrigo contra chuvas, ventos e outras inclemências do tempo, e em matações aflorados.



Sítio Letreiro. Canindé do São Francisco/SE.

Na pintura, as cores obtidas dos minerais como o óxido de ferro, manganês, grafita, calcário e argila são a vermelha, a preta, a amarela e a branca.



Abrigo com registros rupestres Sítio Vale dos Mestres III.  
Canindé do São Francisco/SE

As temáticas são a geométrica (traços, curvas, círculos, vulvas, etc.) e a figurativa (zoomorfas e antropomorfas). As cenas mais presentes são as da caça, dança, guerra e cópula.

As gravuras são obtidas com as técnicas do picoteamento, polimento ou incisão. Predominam os traços como os tridáctilos, círculos e bastonetes.

No Brasil, as grandes classificações de registros rupestres constituem as tradições, representativas de todo um universo simbólico. “O conjunto de características que se refletem em

#### CLASSIFICAÇÃO DOS GRAFISMOS

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO
<b>Puros</b>	Figuras pintadas ou gravadas que não são correlacionadas facilmente, mas a ela são estabelecidas suposições como os grafismos geométricos e abstratos
<b>De Composição</b>	Figuras que podem ser reconhecidas em sua relação análoga com o universo cultural humano (antropomorfas, zoomorfas ou fitomorfas).
<b>De Ação</b>	Cenas que constituem um conjunto gráfico, onde os registros individualizados apresentam uma correlação que os associa.

Anne-Marie Pessis, citada por Martin (1997).

diferentes sítios associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes, que se transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas através do tempo e do espaço”. (Calderón)

Na cultura Canindé predominam os grafismos puros, ausentes cenas que constituam conjuntos correlacionados às atividades humanas do cotidiano.

Não existe, nos registros, impulso artístico em sentido puro, pois a materialização em forma de sentimento do poder, as vivências religiosas e a exaltação do cotidiano objetivam o homem em sua plenitude social, ou seja, dá ao homem a sua circunstância existencial.

O impulso estético contido nos registros rupestres é sempre um suporte de sentimento de exaltação social em sentido amplo.

Algumas tradições já foram tipificadas na arqueologia brasileira, tais como a Meridional, Litoral Catarinense, Geométrica, Nordeste, Agreste, São Francisco e Amazônica.

Os registros rupestres podem, entre as tradições, apresentar similaridades, pois, provavelmente, os grupos étnicos que os elaboraram mantiveram contato entre si.

Das tradições faremos referências apenas a três, em face de sua correlação no tempo e no espaço com a pré-história sergipana.

**A TRADIÇÃO NORDESTE.** A partir de estudos no Piauí, coordenados pela Arqueóloga Niéde Guidon, foi definida essa tradição. Estudos posteriores demonstram sua extensão para ou-

“ A discussão do valor como “arte” dos registros rupestres tem sido objeto de polêmicas entre antropólogos e historiadores da arte. Essa discussão dificilmente pode acabar, pela razão muito simples de que ambos procuram respostas diferentes às mensagens que as pinturas e gravuras rupestres proporcionam. O arqueólogo não poderá ignorar os registros rupestres na sua dimensão estética, considerando-se a habilidade manual e o poder de abstração e de invenção que levaram o homem a usar recursos técnicos e operativos nas representações pictóricas pré-históricas”.

- Gabriela Martin (1997)

### CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO NORDESTE

TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO
VARIAÇÃO TEMÁTICA	Inúmeras cenas do cotidiano estão contidas na tradição, tais como a caça, a dança, a cópula, a luta, com variações.
ANTROPOMORFOS DE PEQUENO TAMANHO	Entre 5 a 15 cm e predominantemente gravados em movimento, rosto em perfil e boca aberta.
ZOOMORFOS	Veados, emas, araras, tucanos, gravados em movimento.
ÁRVORES	Cenas em que figuras humanas dançam em torno de uma árvore, enquanto outras, mascaradas, agitam ramos, no meio da dança.
PIROGAS	Grupos de caçadores navegam em barcos.
TÉCNICA DE GRAVURA	Traço leve e seguro
CROMATISMO	Policromia com a predominância da cor vermelha. Outras cores: branca, amarela, preta e cinza. Em sua maioria os painéis foram confeccionados com o uso simultâneo de algumas cores.
CRONOLOGIA	12.000 a 6.000 A.P.

tros estados nordestinos como o Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Chapada Diamantina, na Bahia, e o Vale do São Francisco.

Nos grafismos da tradição Nordeste destaca-se o registro do cotidiano cultural da comunidade, desde o transporte da água ou alimentos à caça. Outro aspecto é a presença do movimento, da ação nas figuras e conjuntos gravados, enfatizando-se o registro da vivência, a energia do existir.

**A TRADIÇÃO AGRESTE.** Tem como seu foco de referência o agreste de Pernambuco e o sul da Paraíba, com extensão para os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí. Uma das caracte-

#### CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO AGRESTE

TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO
GRAFISMOS DE GRANDES PROPORÇÕES	Apresentados isoladamente, sem formar cenas, sejam antropomorfas ou zoomorfas.
FIGURA DE UM GRANDE ANTROPOMORFO	Em média, com mais de 1 metro, estático e isolado, assemelhando-se a uma figura totêmica.
PÁSSARO	Figura de um pássaro de longas penas e asas abertas, cujo antropomorfismo sugere a representação de homem pássaro (Martin) ou um urubu (Calderón).
<b>MARCAS DE MÃOS E PÉS</b>	
GRAFISMOS PUROS	Apresentados em múltiplas formas, tais como grades, espirais e linhas sinuosas de vários tamanhos e que, aparentemente, não guardam relação entre si.
CROMATISMO	Monocromáticos, com uso da cor vermelha obtida do óxido de ferro e ocre natural.
DATAÇÃO	5.000 a 2.000 A.P.

terísticas dessa tradição é sua enorme dispersão pelo nordeste brasileiro.

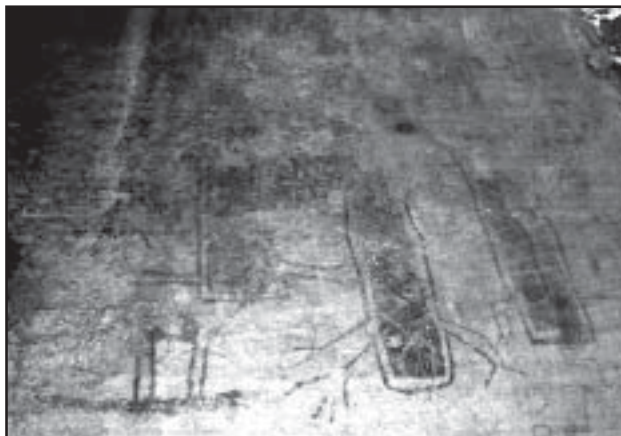
Aceita-se, hoje, uma possível relação entre as tradições Agrestes e São Francisco e que ambas poderiam pertencer, também, a um tronco comum que deverá ser definido no futuro.

**A TRADIÇÃO SÃO FRANCISCO.** A partir de estudos coordenados pelo arqueólogo André Prous, nos Estados de Minas Gerais, Bahia e Sergipe, no vale do São Francisco e registros identificados nos Estados de Goiás e Mato Grosso.

#### CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO SÃO FRANCISCO

TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO
VARIAÇÃO TEMÁTICA	Não há cenas. Figuras propostas isoladamente.
GRAFISMOS	Predominam expressivamente os grafismos abstratos, em proporção não inferior a 80%.
ZOOMORFOS	Raros. Peixes, pássaros, cobras e sáurios. Não há cervos.
CROMATISMO	Bicromia. A figura chapada amarela e um contorno vermelho. Em outros registros, o preto e o branco foram também utilizados, notadamente nas manifestações tardias. As figuras mais antigas são monocromicas.

No município de Canindé do São Francisco (SE) e nos municípios de Olho d'Água do Casado e Delmiro Gouveia (AL) foram localizados sítios arqueológicos de registros rupestres. Os sítios estão situados em abrigos rochosos ao longo dos afluentes do rio São Francisco.



Sítio Lima. Canindé do São Francisco/SE.  
Antropomorfos e zoomorfo.

O explorador e orientalista britânico Sir Richard Burton (1867) descreve sobre inscrições rupestres no baixo São Francisco, registrando o Sítio Olho D'Água do Casado.

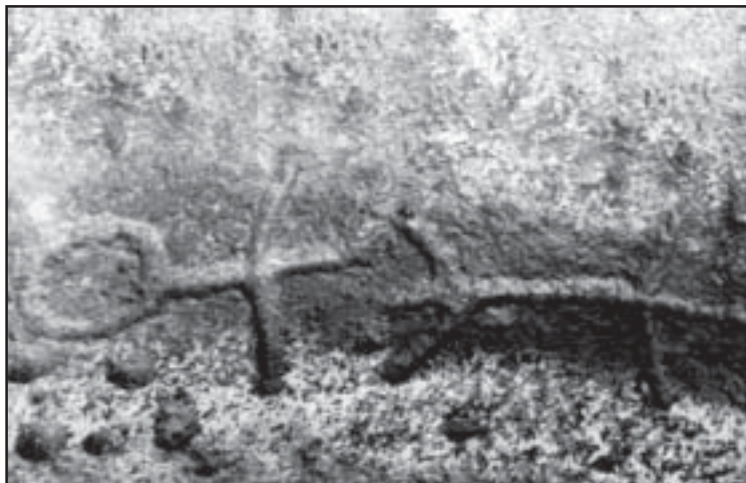
Após estudos efetuados pela arqueóloga Suely Amâncio, constatou-se a predominância de grafismos não-figurativos (92,6%). Os poucos exemplares dos grafismos figurativos são antropomorfos, zoomorfos, propulsores, luas, sóis, pirogas, em pequenas quantidades e mãos.

“A leitura semiótica possibilitou-nos pensar em uma linguagem da mão, onde a predominância de ícones sobre índices e símbolos não diminui o simbolismo mágico do gesto”. Como signo, a “mão de pedra” transcende às qualidades formais da aparência, pondo à mostra valores da cultura autora em atendimento às necessidades e interesses peculiares ao grupo, em momento preciso da vida coletiva. A pesquisa arqueológica desenvolvida na região tem fornecido dados indicativos de que as mãos nos falam do modo de vida de grupos caçadores-coletores pela presen-

ça de artefatos (predominantemente líticos), enterramentos, vestígios de fogueiras e restos de alimentação. Modo de vida itinerante, um “ir-e-vir” à procura de recursos na caatinga e/ou nas áreas ribeirinhas, edificando um saber mágico e generalizado.”

(Rabello, 1996)

Não há conjuntos. Os grafismos são propostos isoladamente, salvo o conjunto de bastonetes, cupules ou de antropomorfos interligados. Entre as pinturas, além do conjunto de bastonetes, o conjunto formado por aves, pirogas, lua, sol e “escada”. Tanto na pintura quanto em gravuras, o tema do antropomorfo apresenta uma constante, no que tange à saída de linhas retas da figura. Não há movimento. As figuras são estáticas.



Abstrações geométricas.  
Sítio Riacho Olho D'Água do Casado/AL.

## PINTURA CANINDÉ – QUADRO TIPOLOGICO

Tipo	Quantidade	%
Bastonetes	162	22.2
Zig-Zag	82	11.2
Setas	79	10.8
Circulares	59	8.1
Grades	46	6.0
Outros	301	41.7

A análise do quadro tipológico geral dos sítios arqueológicos da cultura Canindé apresenta-se segundo o quadro abaixo:

## GRAVURA CANINDÉ – QUADRO TIPOLOGICO

Tipo	Quantidade	%
Bastonetes	144	20.6
Zig-Zag	119	17.0
Setas	92	13.2
Circulares	89	12.7
Grades	89	12.7
Outros	197	23.8

**Outros tipos de pinturas presentes na cultura Canindé, em menor quantidade:** mãos, círculos concêntricos, semicírculos, pectiformes, losango, tridáctilos, biomorfos e antropomorfos.

**Outras gravuras da cultura Canindé, presentes em menor número:** círculos concêntricos, círculos interligados, semicírculos, bastonetes barrados, pectiformes, zig-zag e linha sinuosa.

Como tentativa de inserir os registros rupestres da cultura Canindé nas tradições do Nordeste brasileiro, deduzimos que,

em seu conjunto, aproxima-se da tradição Agreste. No cotejo comparativo entre os registros gráficos da cultura Canindé e a tradição Agreste, constata-se a presença comum de grafismos de grandes proporções como o antropomorfo de aspecto estático e a figura do pássaro de longas penas e asas abertas. A similaridade estende-se também ao dominante monocromático nos painéis pintados e ao uso dominante da cor vermelha, obtida do óxido de ferro e do ocre. No Sítio Letreiro, alguns temas também são registrados na tradição São Francisco (sáurios, propulsor e grades). No entanto o Letreiro é diferente dos outros sítios da região. Alguns temas presentes no Letreiro poderiam ser também comparados com os da tradição Agreste (grandes antropomorfos grosseiros e sáurios).

Inscrições rupestres em abrigos sobre rocha, nas colinas

do canyon, talvez registrem, como sugere AB'SÁBER (1997), a presença de caçadores-coletores do período pré-cerâmico na região.

Os abrigos encontram-se separados por poucos quilômetros de distância, possivelmente ocupados durante os deslocamentos para a caça, na região.

A proximidade da água e a frequência das figuras geométricas, entre as quais predominam as “cúpulas”, aproximam



Antropomorfo em pintura. Sítio Letreiro. Canindé do São Francisco/SE

“Nada nos impede de pensar que, talvez, os homens das lapas de lajedo não passassem de meros posteiros ou caçadores solitários, vivendo de atividades complementares para defesa ou abastecimento dos habitantes sedentários, instalados desde os milhares de anos no fundo torrencioso do canyon do rio de águas perenes, vindos de muito longe”.

os conjuntos gravados da tradição Itacoatiara, como propostos pelas arqueólogas Niéde Guidon e Gabriela Martin. Não há, portanto, a possibilidade de inserirmos a arte rupestre Canindé em uma única das tradições nordestinas.

Na medida em que os registros rupestres são um testemunho do homem xingoano em suas origens, desde sua relação com o ecossistema até suas emoções mais elevadas e, na medida em que a imagem é um signo tão eloqüente quanto a escrita, pode-se afirmar que tais registros compreendem o primeiro livro da história da região. Mas se trata-se, evidentemente, de um testemunho ambíguo e insondável, que precisa de respaldo de outras fontes de informações.

“Este primeiro levantamento dos registros rupestres do baixo São Francisco evidenciou a existência de um conjunto original de grafismos. A relativa heterogeneidade temática aponta para a existência de vários momentos de decoração dos abrigos: a Lapa do Letreiro, por exemplo, apresenta-se muito diferente dos outros sítios. Uma prospecção sistemática do platô permitiria mostrar se o Letreiro é um caso isolado ou se é representativo de uma unidade rupestre bem definida. Algumas variações menores são também perceptíveis entre os diferentes aflu-

entes do São Francisco. É difícil dizer se elas refletem a atuação de vários autores ou significados diferenciados em razão de uma utilização diversificada dos sítios.

Seria importante tentar, no futuro, uma datação direta de alguns grafismos (tintas, a partir de eventuais componentes orgânicos); gravuras (a partir da erosão diferencial dos elementos silicosos, segundo o método proposto por R. Bednarik)". (Amâncio, 1996).

### **Os regitros rupestres e os corpos celestes**

A apreciação diacrônica das culturas humanas quanto à codificação de seus universos simbólicos leva-nos à digressão sobre a consciência cósmica do homem. Cosmo etimologicamente significa harmonia, em oposição ao caos, espaço concreto da existência humana. A primeira relação espacial do homem, não poderia ser de outra forma: foi com o mundo tangível, seus elementos materiais, físicos. Homem e natureza passam a estabelecer pólos distintos e próximos, que se completam.

“Desde a emergência da consciência, esta condicionadora da hominização, tornou-se impossível ao homem conviver com uma sucessão de eventos desconexos e uma justaposição de objetos disparatados. É próprio da consciência ordenar. A emergência da consciência marcou o instante zero da ordenação do mundo, cuja primeira providência foi a de estruturar a mais singela relação entre homem e mundo”. (Matsuura, 1986)

Ao estabelecer projeções racionais sobre o tangível há um fenômeno comum que mais aproxima o social e o natural: a finitude.

A consciência da morte é a maior das angústias, crescente à proporção que nos aproximamos do inevitável. Ao sapiens, constatada a morte de homens e plantas, dias e noites, estabeleceu-se a compreensão da decorrência: homens e animais apodrecem, rios secam e o sol tomba diante da escuridão. Atinge-se o entendimento do caos. E o que motiva o caos, a desarmonia, a morte? Como atingir a imortalidade?

O equilíbrio, a harmonia não estaria no mundo físico, mas em outro plano, o cósmico, o intangível, o sobrenatural. A hominização implicou a formação da consciência e, como consequência, a necessidade de ser ordenado o desconexo. A relação do homem com o cosmos não é de oposição mas de complementariedade. A aceitação de formas projetadas a partir do intangível para o equilíbrio do universo físico é resultante desse diálogo permanente homem – natureza. Krappé (1952) subdivide os mitos e os símbolos em dois grupos: os símbolos celestes e os símbolos terrestres. A Antropologia tem acompanhado, ao lado da paleopsicologia, a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social.

Na visão de mundo das sociedades indígenas, o cosmos inclui tanto a sociedade como a natureza que interage constantemente. Natureza e sociedade representam uma oposição que se inter-relaciona através de um processo contínuo de reciprocidade mediante metáforas e símbolos, mitos e cerimoniais e mesmo comportamentos dos mais cotidianos como resguardos, evitação ou abstenção de atividades.

A posição ereta do gênero homo levou-nos à orientação a partir do eixo vertical e o arremesso de lanças e pedras à consci-

ência embrionária da possibilidade de um domínio do espaço. O solo, a terra que possibilitava a vida, a representação simbólica da mãe universal e o céu, a sua complementariedade masculina.

E como nos aproximarmos dos painéis de registros gráficos sem uma aceitação da leitura cósmica pelo homem pré-histórico?

## I. COMETA

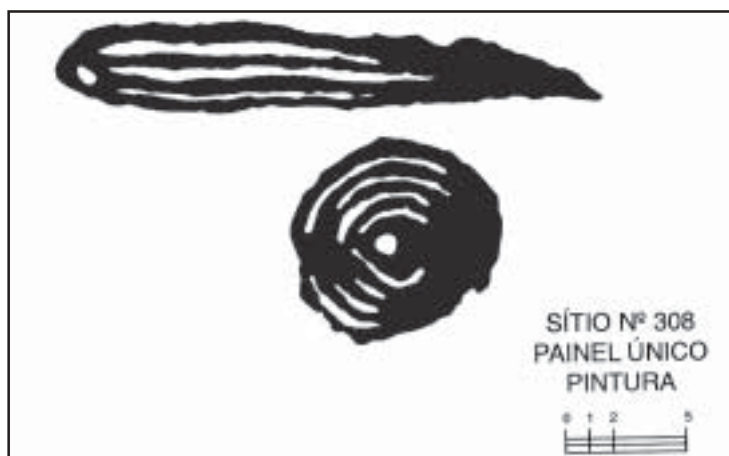
Sítios Arqueológicos n° 308

Local: Lagoa das Pedras

Município: Paulo Afonso/BA

Tipologia do registro: pintura monocromática (vermelho) em matacão rochoso.

Reconhecemos como premissa que o significado de uma representação gráfica pode não ser tão aparente, ou tão facilmente depreensível da comparação com objetos de nossa experiência etnográfica, nem da associação em que se encontram os diversos desenhos. No entanto, cabe-nos, em uma leitura contextualizada dos painéis, o levantamento de algumas hipóteses.



Em um painel único, dois grafismos compõem o conjunto: o cometa e a lua, projetada em círculos concêntricos. Como hipótese, os círculos concêntricos representando a periodicidade cíclica da lua. O fenômeno da aparição de um cometa, pouco comum, mereceu registro específico. Na Bahia, no município de Lençóis, há o registro de um cometa feito por comunidade pré-histórica.

O painel foi confeccionado a poucos centímetros do solo atual (45 centímetros) e para ser visto, exige do observador que o mesmo se ajoelhe.

Em Apodi, no Rio Grande do Norte, no Lajedo da Soledade (Martin, 1997), em um pequeno abrigo, pode ser observada uma figura, radiada com desenho de uma possível trajetória solar. O interessante são as coincidências quanto ao acesso. Trata-se de pequenos conjuntos de registros rupestres (Lagoa das Pedras, BA e Apodi, RN) em abrigos “de não mais de 50cm de altura” e que “obriga a se penetrar nele rastejando-se de costa para se poder observa as pinturas no teto”.

## II. A LUA E O SOL

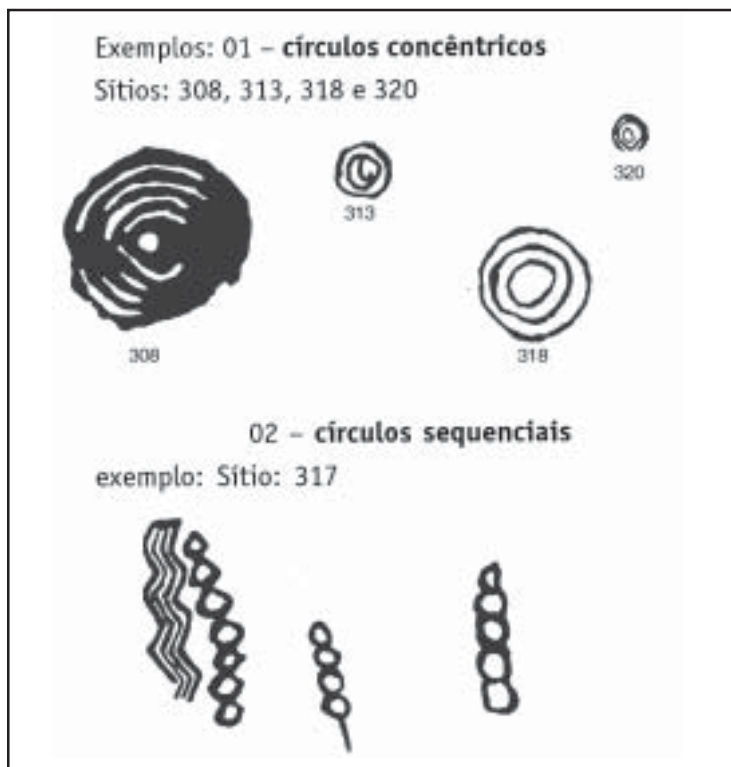
O primeiro contato objetivo do homem com a figura geométrica do círculo decorreu da visualização de corpos celestes: A Lua e o Sol.

A hipótese que levantamos para os registros circulares dizem respeito aos dois astros:

**A – A LUA**, proposta em círculos concêntricos ou círculos seqüenciais, unidos, permitindo-se a idéia de ciclos temporários.

“A lua aparece como a grande epifania dramática do tempo. Enquanto o sol permanece semelhante a si mesmo, salvo quando

dos raros eclipses, enquanto ele só se ausenta por um curto lapso de tempo da paisagem humana, a lua, por sua vez, é um astro que cresce, decresce, desaparece, um astro caprichoso que parece submetido à temporalidade e à morte. Como sublinha Eliad, é graças à lua e às lunações que se mede o tempo”. (Durand, 1997)



A percepção de que o tempo histórico não era linear, mas periódico ou cíclico era fundamental ao homem para a caça, a coleta de proteínas vegetais, a pesca, etc.

O mundo circundante, o cosmo, renova-se a cada período determinado, uma dimensão vivenciada no tempo pelos grupos ali estabelecidos. A espiral simboliza a continuidade da vida.

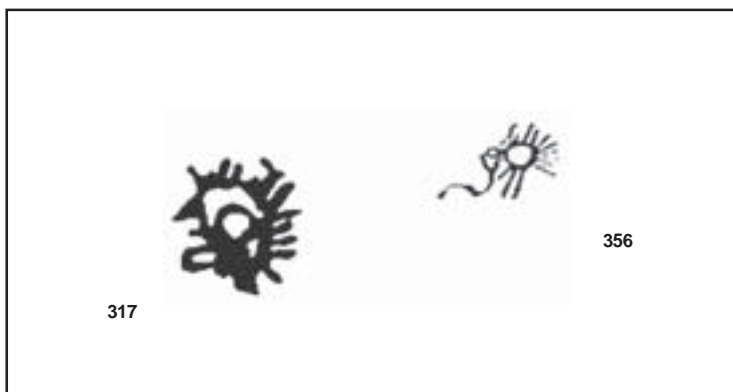
Segundo Durand (1997), sua imagem simboliza o repouso, a intimidade, a junção da terra à água, a ausência de distinção ou de rigidez, a tendência para a fusão de formas, a conciliação dos espíritos, a inclinação para a reflexão e a emotividade.

Trata-se, o que é bem provável, de uma primeira abstração do conceito de tempo.

“O mundo da vida cotidiana é estruturado espacial e temporalmente. (...) A temporalidade é uma propriedade, intrínseca, da consciência. A corrente da consciência é sempre ordenada temporalmente (...) Todo individuo tem consciência do fluxo interior do tempo, que por sua vez se funda nos ritmos fisiológicos do organismo, embora não se identifique com estes (...) O tempo padrão pode ser compreendido como a intersecção entre o tempo cósmico e seu calendário socialmente estabelecido, baseado nas seqüências temporais da natureza, por um lado, e o tempo interior por outro lado”. (Berger, 1985).

**B – O SOL.** A configuração do Sol parece-nos clara, pois ao círculo foram adicionados raios.

O Sol, segundo Durand (1997), significa a força, a ascensão, o poder, a lucidez, o imutável e imperioso.



## 1.4 DIETA ALIMENTAR

O rio São Francisco serviu ao homem de Xingó como fonte de alimentos e de recursos. Certamente entre suas atividades estavam a caça, a pesca e a catação de mariscos. Em sua alimentação predominava o uso do peixe, provavelmente cozido, e o uso de pequenos mamíferos.

Do material coletado destaca-se o consumo de invertebrados, como os moluscos de água doce e gastrópodes. Entre os vertebrados foram resgatados restos de anfíbios, répteis e aves, predominando largamente peixes e pequenos mamíferos.

Visualizam-se peixes de pequeno, médio e grande porte, motivo que lastreia a hipótese de que os remanescentes de Xingó eram pescadores. Os peixes eram capturados nos rios, riachos e pequenas lagoas que, na época de maior precipitação pluviométrica e em tempo de cheias, inundam o vale do São Francisco.

Os mamíferos, juntamente com os peixes, apresentam a maior incidência na dieta alimentar do homem em Xingó. Predominam mamíferos de pequeno porte, sendo escassa a presença de mamíferos de médio porte, cuja presença permite a inclusão dos grupos humanos coletores-caçadores da região.

Característica comum na dieta alimentar dos grupos caçadores-coletores é a de uma dieta protéica pobre em carboidratos.

Identificou-se (Silva, 1996) uma descontinuidade de vestígios alimentares entre os níveis arqueológicos no sítio Justino, o que pode levar, como hipótese, a mudanças de hábitos alimentares. Como exemplo, a tendência a uma diminuição no conjunto de moluscos e peixes, com o acréscimo de vestígios de mamíferos de médio porte.



Vestígios alimentares. Sítio Justino.  
Caniné do São Francisco-SE.

Os vestígios alimentares foram resgatados, em sua maioria, queimados. Raros vestígios vegetais. Em sítios a céu aberto, a alternância das estações secas e chuvosas e a atividade bioquímica devida ao calor úmido do solo destroem matérias orgânicas como os trançados, sementes e outros vegetais. Vestígios de licuri foram preservados no interior de um vasilhame.

A identificação de fraturas e fendas em ossos longos sugerem a ação intencional para a retirada do conteúdo medular interno, com o aproveitamento protéico e enriquecimento da dieta.

Vértebras de peixes de grande porte sugerem a técnica da pesca em períodos das cheias do rio, quando os peixes apresentam deslocamentos verticais para a superfície das águas, sendo presa fácil para os ribeirinhos.

## 1.5 O RITUAL DE ENTERRAMENTO NA CULTURA CANINDÉ

Os sepultamentos constituem-se um dos mais importantes ritos de passagem do *homo sapiens*. Tudo o que toca ao esqueleto humano exerce sobre o antropólogo uma forte impressão. Nos ritos de enterramento, os objetos, restos alimentares, adornos, armas, enfim, os símbolos utilizados dizem alguma coisa a respeito das pessoas que os empreenderam. Estudando-se de forma correlacionada os vestígios culturais empregados, é possível achar-se o significado do rito.

O enterramento compreende a passagem de um mundo cósmico para outro. A religiosidade, a convivência com o não tangível, a aceitação de um outro plano – o espiritual – estão inseridos no significado maior dos enterramentos.

No Sítio Justino foram encontradas vasilhas de cerâmica com restos de alimento, esqueletos de animais sobre o corpo humano enterrado, enterramentos secundários com ossos trabalhados. São elementos simbólicos expressivos. Sem dúvida, os homens da cultura Canindé acreditavam que o morto viveria mais uma vida no além-túmulo. Os vestígios arqueológicos confirmam a complexidade do rito que envolve dois sepultamentos: um provisório e o definitivo.

A partir dos vestígios (mobiliário do sepultamento, esqueletos humanos, resíduos alimentares, etc.), algumas hipóteses já estão sendo trabalhadas, preliminarmente.

A grande quantidade de esqueletos de idade holocênica facilitará o estudo biológico das populações, o que é raríssimo com as condições e quantidades resgatadas em Xingó, notadamente no Sítio Arqueológico Justino.

Grande a variação de rituais e tipos de sepulturas.

Os enterramentos primários e secundários foram efetuados diretamente no solo, inexistindo, portanto, urnas funerárias, (sal-

vo o enterramento de uma criança). Elas só aparecerão posteriormente no Estado, com as tradições Aratu e Tupi-guarani.

No enterramento primário, o indivíduo é sepultado uma única vez, lá permanecendo mesmo após a decomposição das partes brandas do corpo; no secundário, como o nome mesmo diz, há um segundo sepultamento, após a perda das partes moles do indivíduo.



Enterramento primário. Sítio Justino.  
Canindé do São Francisco/SE.

“Sobre aquele longo período da história humana que constitui a pré-história, não possuímos descrições exatas de culturas. Encontramos somente os utensílios que as pessoas faziam, os lugares onde viviam, as sepulturas nas quais enterravam seus mortos. Felizmente para nós, essas ferramentas, os lugares, as sepulturas, tudo nos conta algo sobre como viviam as pessoas e as coisas em que acreditavam”.  
- Robert J. Braidwood (1988)

Nos sepultamentos secundários da cultura Canindé, há enterramentos com ossos trabalhados, cuidadosamente cortados e polidos nas extremidades. Registra-se também a presença de ossos pintados.

A partir das datações obtidas desde 8950 AP e vestígios lito-cerâmicos, trata-se de uma cultura anterior, estabelecida desde o pré-cerâmico, mantendo por milênios certa homogeneidade cultural.

As formas de enterramento, quanto à posição, não ace-



Mensuração de um crânio do Sítio Justino. Canindé do São Francisco/SE.

nam para uma predominância expressiva de determinada posição

(decúbito dorsal, decúbito lateral direito, decúbito lateral esquerdo e procúbito ventral). Em alguns enterramentos, em decúbito dorsal, vasilhames de cerâmica (panelas) encobrem o rosto e abdômen.

No Paraná foram identificados casos similares, com o rosto “protegido” por um vaso de cerâmica. Rito semelhante também foi registrado por Calderón no médio São Francisco (Curaçá / BA) e em São Raimundo Nonato ( PI ). No Justino, associa-

## MODALIDADES DE ENTERRAMENTOS

Tipo	Nº de esqueletos	Percentual
Fetal	9	4.7
Arrumado	47	24.7
Decúbito dorsal	28	14.7
Decúbito lateral direito	64	33.8
Decúbito lateral esquerdo	62	22.1
Sem definição	1	-

Acredita-se na possibilidade de que alguns animais pudessem servir de companhia ou ser de “estimação” para alguns indivíduos ou, que tivessem uma outra importância, possivelmente no aspecto religioso (ritual), e, ainda, sob a forma de oferenda em práticas religiosas.

As fossas de enterramentos eram pequenas. Os corpos eram depositados de forma forçada, com as pernas flexionadas, contraídas e em conexão com a bacia. A inclinação da cabeça indica o limite da fossa.

No médio São Francisco, Calderón (1967) descreve enterramentos em covas rasas, onde o cadáver era depositado em posição fetal, com oferendas em forma de tigelas, a cabeça protegida por um ou vários vasos, não faltando também oferendas em pequenas tigelas, cachimbos de cerâmica em forma de peixes e tembetás de amazonita.

As diversificações nos rituais de sepultamento são atribuídas, segundo alguns pesquisadores, a possíveis estratificações sociais dentro de um mesmo grupo étnico. (Martin, 1996).

O mobiliário do enterramento prende-se a objetos de uso pessoal, tais como colares (gastrópodes, ossos e dentes de animais e líticos, como a amazonita), localizados no pescoço, pulso ou tornozelo. Há, também, alguns machados polidos, instalados próximos à cabeça ou ao longo do tórax.



Mobiliário utilizado em rito funerário no Sítio Justino.  
Bracelete de osso. Canindé do São Francisco/SE.

Outros artefatos líticos – raspadores – foram resgatados do contexto funerário. O acervo de peças de cerâmica, composto de vasilhames em diversos tamanhos, é um dos mais ricos em sítios arqueológicos do Nordeste.

A presença de objetos e utensílios no mobiliário de enterramento foi considerada inicialmente pela antropologia como prova da crença em uma outra vida: o indivíduo levando consigo oferendas fúnebres de que viria a necessitar. Estudos etnohistóricos posteriores comprovaram que os utensílios pertenciam ao morto e dariam “má sorte” a quem viesse a usá-los (SHAPIRO, 1966).

A estimativa de estatura do homem xingo ano é de 1,64m. Em comparação com as poucas estimativas de alguns outros sítios brasileiros como, por exemplo, o Sítio Furna do Estrago – PE, onde os indivíduos apresentaram uma estatura média de 1,60m (Mendonça de Souza, 1995), os Sambaquis Forte Marechal Luz (1,67m) e Cabeçuda – SC (com estatura média em torno de 1,61m) e Piaçagueira – SP (estatura média de 1,58m) (Prous, 1992). Os

homens do Sítio Justino eram em média mais altos do que aqueles do Sítio Cabeçuda e do Sítio Furna do Estrago, porém mais baixos do que os homens do Sítio Marechal Luz.

As análises paleopatológicas preliminares evidenciaram sinais discretos de artroses em algumas vértebras, fraturas de clavícula e doenças dentárias. A cicatrização de traumatismo craniano, clavícula e outras fraturas provocadas por instrumento cortante permitem afirmar que havia, na cultura Canindé, o cuidado com seus doentes.

Estudos na tíbia, em sepulturas secundárias, apresentam facetas de acorramento, bem possivelmente uma prática comum do sexo masculino ainda hoje presente em culturas rurais, pelo hábito de as pessoas se acorarem para alguns trabalhos no campo, por ocasião de ritos cerimoniais, tarefas cotidianas e lazer.



Enterramentos no Sítio Justino. Casulos em laboratório

A presença, nos terraços do São Francisco, de solos predominantemente silicosos, favoreceu, apesar das cheias periódicas do rio, a preservação dos esqueletos.